

Tendência da construção civil é diminuir. E a mão-de-obra?

A revista "Indicadores Conjunturais", editada pela Codeplan analisando as perspectivas do mercado de trabalho do Distrito Federal, mostra que a atividade do setor de Construção Civil é de vital importância para a economia local. É, atualmente, a principal fonte de empregos, absorvedora de grande massa de operários não qualificados, formando, por isso, canais de comunicação com outras regiões dos contingentes de imigrantes que se deslocam continuamente para Brasília.

Numa visão a curto prazo, o fenômeno poderia ser interpretado como favorável ao dinamismo de nossa economia, porque tende a ajustar a oferta de mão-de-obra às condições da procura. Mas, por várias razões, a continuidade desse não disciplinado movimento migratório traz consequências negativas para o DF, pela pressão que exerce sobre o equipamento social, mormente habitação, saúde, educação e saneamento.

O esgotamento do processo de ocupação das áreas urbanas previstas no Plano Piloto vai reduzir substancialmente a participação da Construção Civil no nível de atividade da economia local. Em consequência, ampliar-se-ão as incertezas, que já causam preocupações a técnicos e administradores, quanto à possibilidade de realocação da mão-de-obra ocupada atualmente nesse setor, em anos futuros, quando o volume de obras tenderá a atingir níveis estáveis, em razão da previsão do término das transferências dos órgãos governamentais para a Capital Federal.

O comportamento do volume de obras, no ano de 1973, foi mais do que excepcional, com média mensal acima de dois milhões de metros quadrados. A partir de janeiro de 1974, no entanto, o ritmo das atividades desse setor começa a declinar, provavelmente devido a alguma incerteza quanto às políticas a serem postas em prática pelos governos federal e local que assumiram no mês de março. No segundo trimestre do ano, entretanto, constata-se que parece não ter havido muitos estímulos para que o setor tenha "performance" paralela à do ano precedente. A retomada do nível observado em 73 seria, não obstante, medida de política econômica das mais salutares, já que, até o final do próximo ano, poder-se-ia programar a libertação paulatina de parte da mão-de-obra atualmente ocupada na Construção Civil e a absorção desse excedente de trabalhadores pelos demais setores dinâmicos da economia local.

EVOLUÇÃO

Para acompanhar a evolução da Construção Civil, a CODEPLAN implantou, durante o ano de 73, uma série de levantamentos sistemáticos visando dois objetivos básicos: o acompanhamento do volume físico das obras em andamento e a apuração do número de

pessoas empregadas nessa atividade. Esse trabalho poderá servir para programar a atuação do setor, objetivando manter certo grau de estabilidade ocupacional na construção Civil por períodos mais longos, de maneira que a desaceleração esperada ocorra paulatinamente, até Brasília atingir os padrões de uma cidade implantada; e, prever o comportamento do setor em períodos futuros quantificando-se as necessidades de operários de acordo com o volume de obras programado, evitando-se momentos de elevado desemprego setorial e carência de matéria-prima ou outros insumos.

OBRAS EM ANDAMENTO

Observa-se que a Construção Civil, após período de euforia ocorrido durante o ano passado, quando o ritmo de obras em andamento superou amplamente todas as expectativas, experimentou, nos primeiros meses de 1974, uma reversão que vem ocasionando certa intransquilidade ocupacional e repercussões econômicas negativas nos demais ramos de atividade.

Verifica-se que o volume médio de obras do período de dezembro/73 a junho/74 situou-se acima de um milhão e 800 mil metros quadrados, com absorção de cerca de 34 mil empregados diretos, ou seja, ocupação de aproximadamente 16 por cento da população economicamente ativa. Conforme se observa a seguir, os setores de Prestação de Serviços e Administração Pública têm maior participação que a Construção Civil na oferta de empregos.

DISPONIBILIDADE DE ÁREAS

O número de lotes (projeções) atualmente vagos no Plano Piloto é indicativo da capacidade que ainda tem Brasília de incorporar novos contingentes de funcionários federais transferidos, dando, por outro lado, idéias da possibilidade de manutenção, por vários anos, de satisfatório nível de atividades na Construção Civil.

Do total de um mil e 534 lotes para edifícios de apartamentos, previstos nas duas alas do Plano Piloto, em julho de 1974, 556, ou 36,3 por cento, estavam vagos, e 5,4 por cento em construção. Era pois de 58,5 por cento a parcela já edificada.

Do total de lotes vagos, 461 se localizavam na Asa Norte, sendo 360 para blocos de seis pavimentos 101 para edifícios de três andares. Por outro lado, na Asa Sul, ainda estavam disponíveis 60 projeções de seis pavimentos e 35 para prédios de três andares. É bem maior a disponibilidade na Asa Norte. Por conseguinte, para esta parte da cidade é que deverão se expandir as construções de habitações.

Considerando-se que os 58,3 por cento de projeções já ocupadas correspondem a 30 mil e 228 apartamentos, estimou-se, em julho deste ano, que ainda poderiam ser

edificadas 26 mil e 664 habitações nas superquadras do Plano Piloto.

Nota-se que os 636 blocos residenciais equivalerão a cerca de cinco milhões de metros quadrados de área construída. A hipótese de decréscimo paulatino no ritmo de edificações é coerente com o modelo de absorção da mão-de-obra liberada pelo setor Construção Civil.

PESSOAL OCUPADO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Como consequência do volume de obras edificadas, nos dois últimos anos o nível de emprego nesta área alcançou cifras somente comparáveis com as observadas nos meses imediatamente anteriores à inauguração da Capital, época em que se vivia o chamado "ritmo de Brasília".

A rápida evolução verificada no volume de obras tem criado um clima de euforia, favorecendo a expansão cíclica e desordenada de várias outras atividades que estão diretamente ou indiretamente ligadas ao setor.

A Construção Civil, muito mais que outros tipos de atividades ocupacionais que pressupõe um certo grau de estabilidade do DF, é bastante sensível às modificações de ordem econômica ou institucional. A relativa instabilidade do setor causa incerteza de natureza cíclica e determina problemas sociais de difícil solução em épocas de crise, porque grandes quantidades de operários são despedidos, sem oportunidades de emprego em outras frentes de trabalho.

Examinando-se os dados disponíveis, verifica-se que, atualmente o número de pessoas diretamente empregadas na Indústria da Construção Civil é de aproximadamente 40 mil indivíduos. Considerando-se o tamanho médio de cinco pessoas por família pode-se afirmar que 200 mil pessoas dependem diretamente da renda gerada nesse ramo de atividade, ou seja, 29 por cento da população total de Brasília.

Admitindo-se constante a tecnologia hoje adotada e considerando-se o prazo de 14 a 18 meses para edificações de blocos residenciais nas superquadras de Brasília, como também a relação existente entre o volume de edificações habitacionais no Plano Piloto e o total de construções do DF, apresentam-se uma estimativa de volume de obras e o nível de emprego esperado para o período 74/75, de dois milhões e 160 mil metros quadrados e 40 mil e 632 empregados.

Para o ano de 1976 as estimativas mostram que construirão dois milhões e 100 mil metros quadrados, empregando 40 mil e 160 indivíduos. O ritmo decresce, chegando a 1983 com um milhão e cem mil metros quadrados de obras em construções e empregando apenas 21 mil e 370 indivíduos, quando a população de Brasília já deverá estar triplicada.